

Processos de trabalho do músico & formação profissional: fundamentos metodológicos

Luciana Requião

A tese que venho desenvolvendo, intitulada *Música, Trabalho e Formação Profissional: processos de trabalho, arte e indústria no regime de acumulação flexível*, parte do atual debate sobre a formação profissional do músico em nível superior. Entendendo a necessidade de se estudar a cadeia produtiva da música e os novos perfis profissionais que ali se delineiam, parto do pressuposto de que para se compreender os processos de trabalho do músico na atualidade é necessária a utilização de um método capaz de analisar as determinações sócio-econômico-culturais que vêm afetando o mundo do trabalho da música. Assim, venho trabalhando dentro da perspectiva do método materialista histórico por considerar este o melhor instrumento de análise para esta discussão. O presente texto apresenta alguns dos pressupostos teóricos do método e algumas articulações com meu objeto de estudo.

Processos de trabalho. Materialismo histórico. Músico.

The present text, part of the doctoral thesis *Music, Work and Professional Formation: processes of work, art and industry in the regimen of flexible accumulation*, is about the current debate on the professional formation of the musician in superior level. From the historical materialism point of view we elaborate an analysis of the new profiles in the productive cycle of music, approach that reveals itself an efficient theoretical tool for the determination of the social-economic-cultural aspects that affects the world of music working.

Work processes. Historical materialism. Musician.

Introdução

A pesquisa que venho desenvolvendo, intitulada *Música, Trabalho e Formação Profissional: processos de trabalho, arte e indústria no regime de acumulação flexível*, parte de questões desenvolvidas em minha dissertação de mestrado onde se percebe o intenso debate sobre a formação profissional do músico no âmbito das Instituições de Ensino Superior (IES). De uma forma geral, identificou-se que as IES formam profissionais para atuar no âmbito da música erudita, com perfis profissionais bastante delimitados: o instrumentista, o cantor, o compositor, o regente ou o professor. A desarticulação entre os conteúdos propostos por esses cursos com o mundo do trabalho e o ambiente cultural urbano, foi revelada através do discurso de educadores, estudantes e músicos profissionais. Identificamos que o desenvolvimento da indústria fonográfica, a valorização da música popular, o surgimento de novos ambientes de trabalho e perfis profissionais, o avanço tecnológico, entre outros fatores, muito pouco parecem ter afetado a estrutura de ensino e o currículo dos cursos de graduação em música. Além de determinados conteúdos considerados fundamentais ao exercício da profissão não estarem contemplados nos currículos, não se oferece ao estudante uma visão ampla da cadeia produtiva da música, muito menos subsídios para uma postura crítica frente aos atuais processos de trabalho.

Partindo de um conceito de escola que prevê uma formação abrangente, ao mesmo tempo articulada com o mundo do trabalho (interessada) mas que também ultrapasse os limites técnicos da formação profissional (desinteressada), entendemos que é necessário rever os currículos dos cursos de música. Nesse sentido, propomos um estudo que investigue os processos de trabalho musical buscando entender como se estrutura a profissão *músico* na atualidade, os fatores que determinam os atuais processos de trabalho, e compreender se, e como, a formação profissional do músico no âmbito da educação superior reflete a realidade dos processos de trabalho musical em estudo.

No que se refere às questões metodológicas, nosso trabalho se desenvolverá dentro da perspectiva materialista histórica. Desta forma, é imprescindível a análise do contexto histórico onde nosso objeto de estudo está inserido, de forma a compreender todo um complexo de relações que determinam de forma direta ou indireta a sua atual direção. O presente trabalho trata da elaboração teórica que nos levou a optar por um referencial teórico marxista e a utilizar o método materialista histórico com eixo norteador de nossa pesquisa.

A pesquisa musical e o método na pesquisa

Não é difícil de se encontrar pesquisas que apresentam uma visão etnocêntrica sobre música. O ponto de vista é quase sempre da música ocidental, européia, branca, grafada e erudita. O antropólogo Alan Merriam (1964), preocupado com estudos musicológicos que estudavam a música não ocidental a partir de uma visão ocidental, propõe uma fusão entre os campos da musicologia e da antropologia, a fim de delimitar o que seria o campo da etnomusicologia. Merriam entende que a

“música é um produto do homem e possui estrutura, mas sua estrutura pode não ter uma existência por si só, divorciada do comportamento que a produz” (p.7). Mukuna (2003) diz que

através dessa definição, Merriam está propondo que, como qualquer outro campo das ciências humanas, objetivo final da etnomusicologia é contribuir para a compreensão do homem em seu tempo e espaço, através de sua expressão musical (p.16).

Assim, entendemos que o estudo da música não pode ser dissociado de todo o complexo que compreende o tempo e o espaço em que ela foi produzida: a história.

Partindo das premissas expostas acima, entendemos que se o estudo da música nos ajuda à compreensão do homem que a produziu e do momento histórico em que viveu, a compreensão do homem em um tempo e espaço determinados nos ajuda, dialeticamente, à compreensão de sua produção musical e tudo o que envolve este processo.

Neste sentido, pretendemos com esta pesquisa compreender como se dão os processos de trabalho musical na atualidade. Partindo do pressuposto que a indústria fonográfica é a espinha dorsal da cadeia produtiva da música (para maiores detalhes ver Prestes Filho, 2004), e que a movimentação financeira que esta cadeia produz é superior à da indústria de autopeças (Vivente, 2002), só para citar um exemplo, entendemos ser imprescindível analisarmos esses processos dentro de um espectro mais amplo, que é a sociedade capitalista na qual estamos inseridos.

Ciavatta (2001) diz que uma “metodologia não é uma pauta de instruções, é a capacidade organizada de pensar a realidade no seu momento histórico” (p.139). Assim, “o método não se separa da construção de seu objeto, ao contrário, é ele que o constitui” (p.131).

Frente aos processos de transformação que vem sofrendo o modo de produção capitalista – e sua influência direta nos processos de trabalho “marcado pelo efêmero e o descartável, pela sedução da imagem e o paroxismo da velocidade, pelo consumismo, pela indústria cultural, financeira, de serviços e informação, pela presença de tecnologias em todas as formas de sociabilidade” (Ciavatta, 2001, p.132) –, o método materialista histórico¹ se impõe.

O materialismo histórico e a categoria da *totalidade*

Marx, no prefácio de “Para a crítica da economia política” (1978) – texto escrito entre os anos de 1856 e 1857 –, descreve alguns dos fundamentos do materialismo histórico. Diz que foi nos anos de 1842/1843 que pela primeira vez sentiu a necessidade de ocupar-se com as questões econômicas. Segundo ele, este estudo lhe permitiu chegar a um resultado que seria o fio condutor aos seus estudos subsequentes:

¹ O método da crítica da economia política, ou materialismo histórico, foi desenvolvido por Karl Marx e foi o método de investigação na elaboração de suas obras *Crítica à economia política* e *O Capital* (Ciavatta, 2001, p.144).

Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relação de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência (1978, pp.129-130, grifo meu).

A frase sublinhada acima é uma das chaves do pensamento marxista, uma vez que coloca o homem – e conseqüentemente sua produção – como produto do tempo/espaço em que viveu. Esse ponto de vista foi uma das grandes contribuições de Marx. Fontes (2001) diz que o pensamento de Marx contrapôs-se à crença de que os homens são seres caracterizados pela plena consciência ao considerar os indivíduos como formados histórica e socialmente. Mediados pela ideologia, a forma de pensar dos indivíduos não era mais fruto de uma escolha absolutamente livre (embora comportasse escolhas), mas resultado de formas de socialização que dependiam da estrutura social (p.122).

Desta forma, não se trata simplesmente de ter nas questões econômicas premissas para o estudo de determinada realidade, mas sim a necessidade de se historicizar o objeto de estudo. “O que diferencia decisivamente o marxismo da ciência burguesa não é a tese de um predomínio dos motivos econômicos na explicação da história, mas sim o ponto de vista da totalidade” (Lukács citado por Coutinho, 1996, p.16). Assim, para a compreensão deste método precisamos compreender sua categoria central: a *totalidade*.

O materialismo histórico pretende “descobrir por trás dos produtos e das criações a atividade e operosidade produtiva, de encontrar a ‘autêntica realidade’ do homem concreto por trás da realidade reificada da cultura dominante” (Kosik, 2002, p.25). Para isso o método nos oferece algumas categorias que são centrais, como a *totalidade*.

No sentido marxiano, a totalidade é um conjunto de fatos articulados ou o contexto de um objeto com suas múltiplas relações ou, ainda, um todo estruturado que se desenvolve e se cria como produção social do homem. (...) Estudar um objeto é concebê-lo na totalidade de relações que o determinam, sejam elas de nível econômico, social, cultural, etc. (Ciavatta, 2001, p.132).

Portanto totalidade não é tudo mas sim um conjunto de relações.

A dialética da totalidade concreta não é um método que pretenda ingenuamente conhecer todos os aspectos da realidade, sem exceções, e oferecer um quadro “total” da realidade, na infinidade dos seus aspectos e propriedades; é uma teoria da realidade e do conhecimento que dela se tem como realidade (Kosik, 2002, p.44).

Processos de trabalho e a sociedade capitalista pós-moderna

O atual estágio do capitalismo que vivemos hoje, em muitos aspectos se difere do estágio descrito por Marx em *O Capital*. Porém, seu aspecto central, o acúmulo do capital, permanece o mesmo, embora se utilize de outras estratégias políticas,

econômicas e tecnológicas para sua mais eficiente acumulação. Frigotto comenta que “este referencial, que se estrutura com crítica radical ao capitalismo, só pode, portanto, efetivamente acabar quando as relações capitalistas forem superadas” (2001, p.24).

Ao fazer uma análise do processo de transformação na economia política do capitalismo do final do século XX, Harvey (2002) indica “modificações radicais em processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas, poderes e práticas do Estado etc” (p.117), e aponta para uma transição no regime de acumulação que vai do chamado fordismo para o que ele denomina como *acumulação flexível*.

Harvey apresenta características da acumulação flexível que, em contraste com a produção fordista (onde a produção em massa de bens homogêneos, a uniformidade e padronização, a realização de uma única tarefa pelo trabalhador, a organização vertical do trabalho, e o consumo de massa de bens duráveis, entre outros, são algumas características),

se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (2002, p.140).

Partindo de uma visão fenomênica dos fatos podemos observar como o perfil profissional do músico e suas formas de atuação profissional vêm se remodelando frente às transformações do regime de acumulação capitalista apontadas acima.

Os perfis profissionais bem delimitados, conforme encontramos nos cursos de graduação em música, já não refletem mais a realidade da atuação profissional do músico. Em grande parte dos casos o músico não consegue se estabelecer profissionalmente ao restringir suas possibilidades profissionais em uma única competência. O instrumentista, por exemplo, acaba por atuar como professor, técnico de som, produtor, etc. Além dos mais é preciso saber administrar a profissão pois os contratos de trabalho, quando existem formalmente, em geral são temporários. O perfil profissional do músico parece, em parte, se adequar ao que Malaguti (2000) chama de “trabalhadores independentes”:

Os trabalhadores independentes são, em geral, proprietários de seus meios de produção, eles elaboram produtos completos e, geralmente, trabalham sozinhos, eles são ‘*maîtres*’ de seu tempo e de sua maneira de trabalhar, eles controlam a venda dos bens e dos serviços que a produzem, eles têm relações personalizadas com seus colaboradores ou clientes (p.143).

Outro aspecto importante a ser considerado para compreendermos como vem se delineando o perfil profissional do músico na atualidade é a forma como a indústria fonográfica (setor que mais emprega direta ou indiretamente o músico) vem desempenhando seu papel. Conforme aponta Vicente (2002), a indústria fonográfica seguiu um padrão mundial onde prevalece a empresa transnacional sobre a nacional e o conglomerado sobre as empresas de orientação única (p.85).

Ao observarmos essas, entre outras, características, pretendemos compreender como se dão os processos de trabalho musical, quais são suas determinações e como se constitui seu perfil profissional. Entendemos que as questões debatidas serão de grande contribuição ao atual debate sobre formação profissional do músico pois, além de propiciar uma análise do mundo do trabalho que pode ajudar a orientar uma formação interessada, pretende colocar em questão a lógica da produção musical, em particular da indústria fonográfica, fomentando a discussão sobre os processos de trabalho ao qual nós músicos estamos, de uma forma ou de outra, submetidos.

Sobre texto e autoria

Publicação original: ANPPOM - Décimo Quinto Congresso/2005

Luciana Requião, Doutora em Educação, UFF. Coordena o Grupo de Estudos em Cultura, Trabalho e Educação.

Referências

- CIAVATTA, Maria. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria (orgs.) Teoria e educação no labirinto do capital. Petrópolis: Vozes, 2001, pp.130-155.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Lukács, a ontologia e a política. In ANTUNES, Ricardo e RÊGO, Walquiria Domingues Leão (orgs.). Lukács: um galileu no século XX. São Paulo: Boitempo, 1996, pp.16-26.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A nova e a velha faces da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos. In FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria (orgs.) Teoria e educação no labirinto do capital. Petrópolis: Vozes, 2001, pp.23-50.
- FONTES, Virgínia. História e verdade. In FRIGOTTO, Gaudêncio e FRIGOTTO, Gaudêncio. A nova e a velha faces da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos. In FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria (orgs.) Teoria e educação no labirinto do capital. Petrópolis: Vozes, 2001, pp.23-50.
- HARVEY, David. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2002.
- KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MALAGUTI, Manoel Luiz. Crítica à razão informal: a imaterialidade do salariado. São Paulo: Boitempo; Vitória: EDUFES, 2000.
- MARX, Karl. Para a crítica da economia política. In Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1978, pp.101-257.

MERRIAN, Alan. P. *The anthropology of music*. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MUKUNA, Kazadi wa. Prefácio. In LEME, Mônica N. *Que Tchan é esse?: indústria e produção musical no Brasil dos anos 90*. São Paulo: Annablume, 2003.

VICENTE, Eduardo. *Música e disco no Brasil: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90*. São Paulo: USP, 2002. (Tese de doutorado).